



Espaço e Tempo Unificados

Espacio y Tiempo Unificados

Unified Space and Time

01. **Autopesquisadora:** Cilene Gomes.
02. **Data e horário:** sábado, 26 de março de 2011, 5 horas e 30 minutos.
03. **Local:** Quarto de dormir, no bairro Urbanova, em São José dos Campos, SP, Brasil.
04. **Condições meteorológicas:** não registrado.
05. **Contexto:** Estava cursando o módulo Autodomínio Energético da Escola de Projeção Lúcida (EPL) no IIPC São Paulo.
06. **Escala de lucidez:** 80%.
07. **Palavras chave:** espaço, tempo e transfigurabilidade do psicossoma.
08. **Foco de Pesquisa:** aspectos projetivos em geral.
09. **Título do autoexperimento:** Espaço e tempo unificados.

10. AUTOEXPERIMENTO:

Nessa noite não apliquei nenhuma técnica projetiva ou energética antes de dormir. Após um período de sono, ao sentir uma vibração no psicossoma, tal como várias vezes já havia sentido, percebi que podia me projetar. Estava deitada em decúbito dorsal.

A decolagem iniciou com o movimento para a posição sentada e a percepção de estar no apartamento onde moro atualmente em São José dos Campos, SP. Vi a porta do meu quarto e tive a intenção de me deslocar ao alto, em sua direção, mas ao me aproximar, senti ter mudado de ambiente, pois encontrei outra porta, a do quarto do apartamento onde morei anteriormente na mesma cidade.

Ao começar a voitar pelo corredor que ligava o quarto à sala do apartamento tive a intenção de manter o controle da velocidade, pois pensei que me deslocava mais rápido do que gostaria. Conseguindo me deslocar mais devagar, pude perceber as duas portas dos outros dois quartos à esquerda no corredor.

Sem notar o restante do percurso até a sala, me vi em frente à porta que ligava a sala a uma sacada. Nesse momento, percebi, instantaneamente, nova mudança de ambiente. Agora me encontrava no alto de um canto da sala de uma casa onde morei, na cidade de São Paulo, há mais de duas décadas.

De onde eu estava era possível avistar através de duas portas de vidro, o recinto externo da sala, onde havia uma piscina e jardim. A cena da piscina me era familiar, pois retratava uma situação frequente do tempo passado, quando eu morava naquela casa.

Vi ao redor da piscina algumas crianças brincando, embora não tenha focalizado o rosto delas, pois logo identifiquei Manu, um primo meu, dentro da piscina, sobre um colchão de ar. Ele aparentava fisionomia bem mais jovem do que a atual, aproximadamente uns 25 anos mais moço.

Dentro da sala, percebi a presença de um menino em pé, no chão, olhando pela porta de vidro (fechada). Era outro primo meu, o Y, cuja mãe, quando criança, também era frequentadora daquela piscina. A aparência de Y não estava rejuvenescida como a do primeiro primo observado na piscina; correspondia à fisionomia de seus 3 anos (na data do experimento).

Y percebeu minha presença e olhou para mim no alto da sala, quando então, desci imediatamente volitando ao seu encontro. Ao me aproximar dele, com a intenção de me abaixar para estar à sua altura, percebi que meu psicossoma se tornou maleável da cintura para baixo, dando uma sensação semelhante aos círculos formados quando jogamos pedrinhas na água. Ou seja, a sensação não era a mesma de quando nos ajoelhamos.

Abracei Y amorosamente e senti reciprocidade na emoção do encontro. Em seguida aproximou-se de nós outro menino, adolescente, chamado José, já com um pouco de barba no rosto, e eu quis abraçá-lo igualmente, mas ele não permitiu. Na hora em que percebi sua presença, não tive certeza plena se eu o conhecia, mas logo me veio a impressão de ser José, outro primo meu, com a aparência também bastante rejuvenescida.

Em seguida, a cena da piscina me chamou atenção novamente, trazendo a imagem já um pouco fugidia de Sara, a mãe de Y, dentro da piscina, segurando uma criança, que logo foi solta e começou a nadar. Quando então, retornei ao soma.

11. SÍNTESE DO EXPERIMENTO:

No decorrer da projeção, além da percepção de mudança instantânea de ambientes e de uma peculiar sensação extrafísica do tempo, a experimentadora estabeleceu contatos e vivenciou emoções.

12. DISCUSSÃO DAS VIVÊNCIAS:

12.1. Decolagem. Após sentir o estado vibracional do psicossoma (enquanto dormia) e tomar a decisão de se projetar, como em outras projeções anteriores, tive a percepção de saída do corpo partindo do decúbito dorsal para a posição sentada, de onde houve a intenção de deslocamento dirigido ao alto do ambiente, no caso, em direção à porta do quarto.

Paradespertamento. É importante destacar que após um período de sono, houve o despertar da consciência, sem que se abrissem os olhos intrafísicos, praticamente ao mesmo tempo em que o EV estava sendo vivenciado. Talvez tenha havido ajuda de amparador para a consciência adquirir lucidez.

Autopesquisa. Ao iniciar a decolagem, tive a intenção de me deslocar para o alto dos ambientes. Embora a percepção da decolagem a partir da posição sentada já tenha ocorrido em outros experimentos, a intenção de deslocamento para o alto é muito mais frequente nas autoprojeções e se manifesta como reação imediata ao sentimento de recusa de se manter no chão extrafísico. Considera-se aqui a hipótese de que busco, dessa forma, reafirmar a consciência de estar realmente projetada.

12.2. Translocação extrafísica. Ao iniciar a volitação pelo corredor do segundo apartamento percebido, houve a intenção deliberada de controlar a velocidade do deslocamento, no instante preciso em que me lembrei dos deslocamentos muito rápidos, frequentes em outros experimentos projetivos, e da insatisfação pessoal ligada a essa rapidez. Aos poucos, as experiências projetivas desencadearam a necessidade de melhor aproveitamento das vivências extrafísicas pela observação mais atenta dos ambientes e seus detalhes; para isso, era preciso um deslocamento mais lento.

Ansiedade. É muito plausível a hipótese de que a rapidez dos deslocamentos projetivos refletisse o estado de ansiedade da projetora no período de tempo (aproximadamente de 2008 a 2011) em que ocorreram. A razão da ansiedade, tal como vista hoje, residia no estado de preocupação com o futuro e à necessidade correspondente de organização do tempo para o trabalho em vista dos muitos compromissos então assumidos.

12.3. Dimensões extrafísicas. Durante o experimento projetivo, tive duas vezes a percepção de mudança extrafísica instantânea de ambientes ligados à atual vida intrafísica, por onde me desloquei (dois apartamentos, o da residência atual e outro anterior; e uma casa, onde também morei). É importante notar que ao mudar de ambiente, mudou-se igualmente de um tempo para outro do passado. A retrocognição ocorreu em duas escalas de tempo.

Incerteza descartada. Essa sensação de mudança dos ambientes durante a parte inicial da projeção também já havia ocorrido em outras projeções, inclusive, trazendo inicialmente a dúvida de se estar projetada ou não, e suscitando, por isso, a hipótese da projeção com mescla de onirismo. Mas nesse experimento a convicção final de ter sido uma projeção era grande, em razão do grau de lucidez, de decisões conscientes e da sequência clara das cenas compondo o enredo projetivo.

12.4. Hipótese explicativa. Recentemente, lendo dois livros de Carl Gustav Jung (1875-1961), sobre a relatividade psíquica do tempo e do espaço, constatada e explicada a partir dos experimentos científicos de Joseph Banks Rhine (1895-1980) sobre percepção extrasensorial¹, comecei a esboçar a hipótese de que nas projeções, a percepção e a vivência da unificação do tempo e do espaço é bem mais intensa do que na vida intrafísica.

¹ **A reflexão de Jung.** “Como pode um acontecimento distante no espaço e mesmo no tempo produzir, por exemplo, uma imagem psíquica correspondente?” (2011, p. 41). Se isso ocorre de fato, espaço e tempo tornam-se relativizados por uma função psíquica que torna possível a percepção de acontecimentos independentemente do espaço e do tempo. O conhecimento de acontecimentos futuros ou espacialmente distantes situa-se em um espaço psiquicamente relativo e num tempo correspondente. “A vida da psique não tem necessidade de espaço ou tempo” (2006, p. 369), sendo então a psique uma forma de existência cujo conhecimento produzido se acha em uma espécie de *continuum* espaço-tempo irrepresentável onde o espaço já não é mais espaço e o tempo já não é mais tempo (Jung, 2011, p. 73 e 97).

Unificação espacial. Ou seja, a mudança de ambientes extrafísicos não se dá sempre de forma seriada como na dimensão intrafísica. Na projeção, ao mudar de ambiente, não se tem, necessariamente, a percepção dos deslocamentos, ou das distâncias espaciais percorridas. O que sugere a ideia da unificação espacial, pois, praticamente ao mesmo tempo em que eu me via num ambiente, já me encontrava em outro. Tudo se passa sob o ponto de vista perceptivo como se os dois ambientes fossem um só.

Leis da multidimensionalidade. Se as projeções são experiências da consciência (em sua condição psicossomática ou mentalsomática), independentes do corpo físico, a questão do movimento dos corpos (emocional e mental), materialmente mais sutis do que o soma, deve ser equacionada de maneira a obedecer às leis das dimensões extrafísicas, de sua para física, se assim posso dizer. Partindo-se da compreensão inicial de que as dimensões extrafísicas são antes de tudo conscienciais, é preciso salientar, todavia, a necessidade de autoexperimentografias mais sistemáticas para uma gradual identificação de tais leis. Nesse caso, duas pistas intuitivas parecem poder conduzir ao caminho investigativo pretendido: o princípio da afinidade consciencial e o conceito dos morfopenses.

12.5. Sensação extrafísica do tempo. A experiência projetiva proporcionou uma percepção do tempo bastante singular na segunda metade de sua duração, quando então me via na casa onde morei dos anos 70 ao início dos 90 do século passado. Simultaneamente ao tempo vivenciado no espaço da sala da casa (onde ocorreram os contatos extrafísicos) – equiparado ao tempo presente da vivência projetiva – observei no recinto da piscina uma cena familiar ao tempo passado naquela casa.

Unificação temporal. Ou seja, a cena da piscina, embora também compusesse o tempo da vivência projetiva (já que eu e Y a observávamos na sala, pela porta de vidro), reportava-se a uma rememoração do meu passado na casa (um tempo não vivido por Y), ao mesmo tempo em que trazia uma alusão ao tempo futuro (conexão percebida posteriormente). Em outras palavras, ao mesmo tempo em que o espaço-tempo do passado constituía o cenário do estado presencial projetivo, era o *locus* de uma constelação de relações entre conscins, prenunciadora de acontecimentos futuros.

12.6. Precognição. Como dito acima, após o experimento, a cena da piscina (em si e relativamente à cena da sala) terminou me sugerindo uma significação de natureza precognitiva. Antes de explicitá-la, é importante destacar a identificação das conscins que apareceram no experimento, bem como as relações estabelecidas entre elas.

Conscins projetadas. As duas consciências supostamente projetadas que apareceram no experimento, na sala da casa, foram:

- **Y:** o menino de 3 anos na data do experimento (e hoje com 5 anos) que acolheu o meu abraço;
- **José:** o garoto adolescente que, por hipótese, sendo um primo hoje com mais de 30 anos, também apareceu na sala da casa com a fisionomia rejuvenescida e não se deixou abraçar.

Conscins avistadas. As duas outras conscins que também apareceram durante a experiência projetiva, na piscina, foram:

- **Manu:** hoje com cerca de 50 anos, que também apareceu com fisionomia mais jovem (correspondente a 20 anos de idade aproximadamente), é o primo adulto observado por mim e o menino, através da porta de vidro;

- **Sara:** a mãe de Y, avistada na piscina no término do experimento.

Primeira relação. Quando Manu aparece na piscina, Y o observava de dentro da sala pela porta de vidro. Dessa forma, uma relação direta entre Manu e Y se estabeleceu no experimento tão logo me percebi na sala, vindo a suscitar posteriormente a suposição de uma precognição. A razão disto é que, no futuro, em ocasiões de reunião familiar, pôde-se perceber uma forte afeição e empatia entre Manu e Y, fato este que se tornou ainda mais notável considerando ser Y um menino no geral bem arredio ao contato com os adultos.

Referência masculina. Quando Sara (a mãe de Y) aparece na piscina, uma segunda relação entre conscins também se estabeleceu, justamente entre Sara e Manu, já que ambos aparecem na piscina. Considerando a relação natural entre mãe (Sara) e filho (Y) e o fato também recente da dessoria do pai de Y, a figura de Manu, ao aparecer na cena da piscina junto à mãe (Sara), sugeriu a ideia de uma possível nova referência masculina para Y dentro da família.

Dessoria dos pais. Além disso, a terceira relação que se estabelece é a que envolve Y e José, já que ambos aparecem na sala da casa e, sendo José possivelmente outro primo meu, um fato em comum os une: pouco tempo depois de Y, José também perde seu pai.

12.7. Transfigurabilidade do psicossoma. A sensação de mudança de forma do psicossoma, na hora em que me aproximei de Y tentando colocar-me à sua altura, fez com que eu atribuisse ao psicossoma a propriedade de ser maleável como a água.

Condicionamento. Para mim, talvez por condicionamento, teria parecido mais natural que, ao me abaixar para estar diante de Y, sentisse as pernas se flexionando e se apoiando no chão da sala, como se ajoelhasse, mas o psicossoma, em sua parte inferior, parece ter assumido outra forma, sugerindo a semelhança a círculos d'água.

Recurso projeciográfico. A comparação com a água surgiu no momento do primeiro registro projeciográfico, a partir de uma associação de ideia entre o que foi sentido na hora e a imagem dos círculos d'água, sendo então apenas um recurso auxiliar na busca de tradução, a mais fidedigna possível, da experiência projetiva.

12.8. Contato extrafísico. A experiência projetiva propiciou dois contatos extrafísicos: com Y, o pequeno menino por mim abraçado; e com José, o adolescente com idade aproximada aos 13 anos, que não permitiu o abraço.

Emoções. Os contatos estabelecidos geraram duas emoções. Ao dar um abraço em Y, senti muito amor por ele e, da parte dele, houve reciprocidade. Em seguida, ao se dirigir a José, também com a intenção de abraçá-lo, o sentimento foi de rejeição, quando José não quis ser abraçado.

Estado contrariado. Embora na hora não tenha me abalado emocionalmente, a recusa do abraço trouxe a sensação de que havia alguma preocupação ou problema com José. Mas na sequência do experimento não foi possível obter mais indícios para entender porque ele apareceu na sala, qual era o seu real estado e se havia de fato algum problema. Pois então, logo em seguida, a cena da piscina chamava novamente a minha atenção, e a vivência terminava.

12.9. Rememoração projetiva. A experiência foi inteiramente rememorada. Em um bom número de casos, ou em casos de projeções vivenciadas em determinada fase da minha vida intrafísica, as rememorações das vivências projetivas são praticamente integrais.

Favorabilidade. Uma hipótese para essa boa rememoração liga-se ao próprio grau de lucidez da consciência na vivência projetiva. Além disso, considera-se igualmente favorável a intensidade da pré-disposição pessoal para a experiência projetiva, que pode variar de uma fase para outra de nossa vida intrafísica. Por exemplo, em fases de restrições ou desajustes psicológicos com a vida intrafísica a pré-disposição projetiva pode aumentar, tornando a projeção um mecanismo de fuga ou liberação de sobrecargas emocionais ou mentais. A perda ou a saudade de um ente querido e a saturação mental com estudos de Projeciologia podem igualmente intensificar a pré-disposição projetiva durante certo período da vida intrafísica, favorecendo experiências mais lúcidas e rememorações integrais.

Revisão mental. Outra hipótese da boa rememoração pode ser a de revisar a ocorrência projetiva várias vezes, após retornar ao sono e antes de levantar da cama. Essa é uma prática pessoal comum quando a experiência projetiva se dá com um bom grau de lucidez. A respeito dessa prática de revisões mentais do experimento, é interessante destacar, ainda, uma hipótese baseada na Neurociência para a explicação de sua importância, se temos o alvo de conseguir uma boa rememoração de sonhos e projeções.

Migração mnemônica. Apoiada no livro *O Cérebro Nosso de Cada Dia*, foco da aula do Programa de Aceleração da Erudição (PAE) da Reaprendentia, no dia 7 de abril de 2013, tal hipótese explicativa assenta-se no fato de que todos os acontecimentos vividos são registrados em uma região do cérebro ligada à memória de curto prazo; essas memórias, por sua vez, passam para outra região ligada à memória de longo prazo. Sendo assim, as revisões das ocorrências projeciológicas teriam então o objetivo de promover essa migração das memórias de curto prazo para a memória de longo prazo antes mesmo de levantarmos, já que, ao levantar e viver o novo dia, tais lembranças projeciológicas (naturalmente mais fugazes) serão mais facilmente substituídas na memória de curto prazo pelos registros das novas ocorrências intrafísicas.

13. FATORES FACILITADORES:

13.1. Contexto. Quando tive esta projeção, estava cursando a Escola de Projeção Lúcida (EPL), fato que parece ter atuado como facilitador. Após a aplicação da técnica projetiva do EV, durante as aulas, não conseguia me projetar, embora ocorressem outros resultados paraperceptivos. Mas após as aulas, ou no intervalo entre as mesmas, em casa, consegui me projetar algumas vezes (durante o período do curso) de forma espontânea.

Conectividade. A intenção mental ligada à EPL de querer se projetar, a aplicação regular de técnicas energéticas e projetivas e a discussão de temas específicos também promovida durante as aulas, atuaram de fato como um conjunto de condições favoráveis às projeções, assim como já ocorrera em outras ocasiões de cursos (o CIP e o ECP1, por exemplo), e de saturação mental por leituras ou pesquisas sobre assuntos da Projeciologia.

13.2. Sinal projetivo. Dormindo em decúbito dorsal vivenciei conscientemente um estado vibracional (EV), quando então sabia que podia me projetar. Em muitos experimentos, percebo esse sinal como indicador de que as condições para a saída do corpo são propícias, só dependendo da decisão de se projetar.

Amparo. Esse fato leva à hipótese de ajuda de amparadores, facultando o EV e/ou a consciência lúcida do mesmo, embora indícios para isso ainda não tenham sido identificados durante as vivências.

13.3. Volição. Em todas as ocasiões em que, dormindo, percebi o referido sinal do EV, sempre optei por me projetar. A boa vontade de me projetar tem sido maior em algumas fases de minha vida, mas em razão da pouca disciplina dirigida à aplicação de técnicas projetivas, quando o EV ocorre espontaneamente, logo decido me projetar e estendo os braços para sair do corpo e alçar “voo”.

13.4. Controle consciente. O experimento aqui relatado foi o primeiro em que houve a intenção consciente de redução da velocidade do deslocamento e, assim, com base nesse ato deliberado, foi possível certificar-me não só da projeção em si, como também do bom grau de lucidez durante a vivência.

14. FATORES INIBIDORES:

14.1. Não há lembrança de algo ter atrapalhado o experimento.

15. CONCLUSÃO:

Primeira. A vivência projeciológica possibilita o avanço da pesquisa pessoal sobre os veículos de manifestação da consciência. No caso em foco, a experimentadora constata a propriedade do psicossoma de ser maleável e transfigurável.

Autoconscientização. No estado projetivo, a unificação do espaço e do tempo é mais intensamente vivenciada. Esse fato só foi compreendido após o experimento, mais precisamente quando se iniciou a autoexperimentografia. Considerando a explicação de Jung sobre a relatividade psíquica do tempo e do espaço, a hipótese da unificação espaço-temporal começa a adquirir mais consistência no contexto da investigação do processo de autoconscientização multidimensional.

Interrelações. As conexões estabelecidas entre conscins e/ou consciexes protagonistas das experiências projetivas são indicadores fundamentais para os registros e análises projeciográficos. Por isso, a identificação dessas interrelações é um passo metodológico significativo para a discussão das vivências na autoexperimentografia. Dentre elas, importa destacar, por fim, não só o papel ativo de assistência acolhedora a Y, mas também, como testemunha de uma situação projeciológica que, no aprendizado da autoexperimentografia, não pareceu ter sido escolhida ao acaso.

16. BIBLIOGRAFIA:

- 16.1. HOUZEL, Suzana Herculano; *O cérebro nosso de cada dia: descobertas da neurociência sobre a vida cotidiana*. Rio de Janeiro, Vieira & Lent, 2005.
- 16.2. JUNG, Carl Gustav; *Sobre a vida depois da morte*. In: *Memórias, Sonhos e Reflexões*; Rio de Janeiro, Nova Fronteira; 2006; p. 347-376.

16.3. JUNG, Carl Gustav; *Sincronicidade*. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2011.

16.4. VIEIRA, Waldo; *Projeciologia. Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 10ª Ed.; Foz do Iguaçu, Editares, 2009.

Cilene Gomes, Graduada em Arquitetura e Urbanismo; Pós-Graduação em Geografia Humana e Planejamento Urbano e Regional. Voluntária (desde 2011) e Professora (desde 2013) do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia – IIPC São Paulo e Voluntária da EVOLUCIN (desde dezembro de 2013).

Email: cilenegomes2011@gmail.com